

MESA
21 NOV
16H – 18H

**FAKE NEWS, CULTURA DE MASSA E LINGUAGEM: O PAPEL DO
TEXTO E DO DISCURSO**

Coordenação: Simone Hashiguti (UFU)
Participantes: Edwiges Morato (IEL/UNICAMP), Sandra Cavalcante (PUC-MG) e Beatriz Raposo (USP)

RESUMO I

FAKE E JUNK NEWS NA SERVIDÃO DIGITAL

Simone Tiemi Hashiguti
Universidade Federal de Uberlândia

Se para o termo fake news podemos atribuir o sentido de fraude e de um viés principalmente político em sua criação e circulação, para o termo junk news, como explica Tomaso Venturini, podemos atribuir o sentido daquilo que se espalha de forma viral e que é consumido fácil e rapidamente, como a grande quantidade de junk food à disposição nos espaços urbanos. Para Venturini, as junk news instauram uma certa relação de toxicidade e dependência e vão se proliferando por transmissão e transformação, o que acaba por saturar o debate público. Neste trabalho, localizo-me entre o sentido de fraude e de vício para discutir: (1) estratégias discursivas de endosso nesses tipos de notícias e (2) o compartilhamento de postagens de notícias como essas em um funcionamento de servidão maquínica, conforme proposto na teoria deleuzo-guattariana e retomado por autores como Maurizio Lazzarato. Para (1), analiso as transcrições de áudios do tipo “gente como a gente”, como comentado pela jornalista Juliana Gragnani, imagens adulteradas, dentre outros materiais. Discuto como os áudios e as imagens encontram eco em processos identificatórios de classe, religião e gênero que se entrelaçam com as questões políticas da extrema direita, constituindo uma representação do “trabalhador honesto” e de “gente de bem”, dentre os dualismos produtivos do neoliberalismo. Para (2), retomo o conceito de servidão maquínica a partir do qual entendemos que somos sujeitos de sujeição, individualizados como trabalhadores e consumidores em um sistema econômico que nos transforma em mecanismos de uma grande máquina coletiva que consiste de indivíduos, tecnologias, protocolos, semióticas, afetos. A servidão, explica Lazzarato, trata de liberar potências de produção. Neste sentido, não há separação entre o ser

humano que duplica as mensagens que recebe e os bots que fazem o mesmo trabalho, pois não há mais distinção entre humanos e não-humanos, nem entre sujeito e objeto, já que somos todos partes de uma mesma engrenagem. As comunidades em rede e os aplicativos de redes são dispositivos em que humanos e não-humanos atuam para a manutenção de uma grande máquina econômico-política. Esse funcionamento desloca a discussão sobre uma relação de verdade ou realidade das fake/junk news para uma relação de fabricação de um inconsciente que determina desejos, percepções, sensibilidade, cognição. No âmbito dos estudos sobre a linguagem, creio, portanto, que seja menos o caso de encontrar maneiras de descobrir a origem dessas notícias e mais de problematizarmos as práticas de sua leitura.

Palavras-chave: Rizoma; Sujeição; Servidão Maquinica

RESUMO II

A CONSTRUÇÃO TEXTUAL DAS FAKE NEWS: FALTAR À VERDADE EQUIVALE A MENTIR?

Edwiges Maria Morato

(IEL- Unicamp)

A proposta desta comunicação é, em um primeiro momento, discutir – com base em suas características linguístico-textuais e sociocognitivas – a relação entre as chamadas fake news e outras construções discursivas que afetam de algum modo a relação entre linguagem e realidade, como a confabulação e a mentira, ambas também associadas à gestão social e às contingências de várias ordens que regem a produção e a interpretação do sentido nas atividade de (re)construção do vivido.

Num segundo momento, a proposta desta comunicação é examinar o estatuto socio-pragmaticamente “infrator” dessas construções textuais, seja em relação à linguagem, seja em relação ao mundo social por ela e nela evocado e construído. A questão que aqui se coloca é: em que termos discutir a afirmação segundo a qual “nem sempre faltar à verdade equivale a mentir” se levarmos em conta tanto que a condenação da mentira parece ser um princípio ético tradicional (tal como se vê, por exemplo, na discussão

fake news e linguagem

aristotélica sobre a veracidade e a justiça, ou na relação entre a mentira e a política, estudada por Hanna Arendt, e entre verdade e mentira, focalizada por Rousseau), quanto a tese de obliquidade da linguagem ou do nomadismo da verdade (Bento Prado Jr., 1985:86)?

Ao contrário das confabulações, falsas informações produzidas “sem intenção de iludir”, por exemplo, como no caso de pacientes neuropsiquiátricos (Morato, 1995), a mentira enfrenta injunções ético-discursivas que de algum modo reconhecem nela uma natureza pervertida. Entretanto, ainda que tratada sem a indulgência aplicada às situações de falha de memória ou de consciência, como nas situações clínicas, as fake news parecem, por vezes, resistir à condenação moral. Teria o fenômeno a ver com um abandono da tradição filosófica e sociocultural aludida acima? Teria o fenômeno a ver com as formas de fabricação da realidade em tempos do que vem sendo chamado de “pós-verdade”?

Seja como for, esse fenômeno não apenas filosófico, como também sociocognitivo não pode se privar da competência analítica dos estudiosos da linguagem e da comunicação. Para discuti-lo, esta comunicação pretende se valer de dados extraídos de discursos jornalístico, cotidiano e clínico.

Palavras-chave: fake new; confabulação; mentira; pós-verdade.

RESUMO III

FAKE NEWS: A CREDULIDADE NA (DES)ORDEM INFORMACIONAL E EM SUA ENGENHARIA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA

Sandra Maria Silva Cavalcante

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
scavalcante@pucminas.br

Vivemos um momento histórico em que estamos, como cidadãos, sendo imperativamente convidados a (não) refletir sobre a (des) ordem informacional que se impõe à vida social, através dos meios de comunicação (TV, rádio, portais virtuais multimídia, redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas). Essa atitude nos obriga a pensar sobre a natureza e o funcionamento das notícias falsas, especialmente, sobre seu processo de criação e propagação. Não há dúvida de que esse fenômeno sempre existiu sob diferentes

nomes, formas e nível de repercussão (rumores, fofocas, calúnias, lendas). Nos dias atuais, a criação e propagação de notícias falsas podem emergir na forma de crenças públicas que se espalham sobre campos como a ciência, saúde, diferenças (inter)culturais, status de expertise autêntica (ARNOUD, 2019). Essas crenças e suas consequências determinam resultados eleitorais e impactam a agenda social, cultural, política, econômica, ambiental, do mundo em que vivemos (BOAVENTURA, 2018). Frente aos desafios que nos são impostos por esse cenário, como pesquisadora que se dedica à investigação de fenômenos de natureza linguístico-cognitiva, assumo como pressupostos que: i) nos processos de interação simbólica (verbais, multimodais), com objetivos comunicativos os mais diversos, entre os quais de socializar informações em larga escala, os seres humanos compartilham, (inter)subjetivamente, a criação e a integração de cenários mentais (BRANDT, 2004; OAKLEY, 2008); ii) o impacto da propagação de notícias vincula-se à atitude humana da credulidade (FORGAS, BAUMEISTER, 2019); iii) na arquitetura linguístico-discursiva que possibilita a criação das fake news, o processamento metafórico, metonímico e intertextual assume uma importante função, a de gerar e gerir valor, elemento constitutivo das experiências emocionais humanas. Buscando analisar um corpus constituído por notícias falsas, reconhecidas por agências de checagem de fatos, sobre a crise humanitária da migração forçada, no Brasil e no mundo, pretendo discutir esses pressupostos. Dessa forma e afiliando-me à agenda internacional de defesa dos Direitos Humanos e da Cultura da Paz, espero poder contribuir para o aprofundamento da ideia de que, como professores e pesquisadores do campo dos Estudos Linguísticos, nos cabe assumir o compromisso inadiável da busca de compreensão do fenômeno das fake news e suas consequências, na estreita relação que essas estabelecem com o projeto de (des) ordem informacional a que estamos todos submetidos neste momento histórico (IRETON, POSETTI, 2018).

Palavras-chave: Fake News. (Des)ordem informacional. Credulidade. Intersubjetividades.

RESUMO IV

A VERDADE ESTÁ NO DETALHE DA VOZ. MAS QUEM QUER SABER DO DETALHE?

Beatriz Raposo de Medeiros

Universidade de São Paulo (USP) – Professora Doutora – biarm@usp.br

O que fez você desconfiar daquele áudio atribuído ao Randolfe Rodrigues (RR) em 17 de maio de 2017? Provavelmente alguns detalhes da voz do senador entravam em seus ouvidos e diziam: “Este não pode ser o RR falando”. Mesmo que o aparato cognitivo já estivesse confundido você o bastante diante do que sabe sobre o suposto dono da voz e o conteúdo da mensagem em áudio, havia algo que dizia: “... não pode ser RR”. No entanto, para a maioria das pessoas, a defasagem entre a voz e o conteúdo discursivo atrapalhou bastante uma escuta direcionada apenas para o som. O senador teve que enviar o áudio para os peritos e isso mostra o quanto uma imitação de voz e fala pode causar danos às pessoas e às instituições e, portanto, tem de ser rapidamente posta à luz da verdade.

Nesta apresentação tentarei mostrar como percepções de oitiva atribuem adjetivos à voz imitada e à do senador em possíveis explicações de que o áudio era fake para, em seguida, relacionar essas atribuições a aspectos sonoros mais objetivos. Tais aspectos sonoros são qualidade voz e traços linguísticos como a pronúncia dialetal e certos padrões entoacionais em fronteiras do discurso falado.

A fim de observar essas características vocais e de fala, obtive (1) um áudio cujo falante é comprovadamente o senador RR e (2) aquele que se espalhou na internet e cujo falante não é RR. Os dois áudios foram separados dos arquivos de vídeo em que estavam sendo veiculados e, automaticamente, obtive arquivos MP3. Esse formato de arquivo de áudio, conhecido como comprimido, ocupa o mínimo de espaço digital e é o mais usado na internet. No entanto, tive que convertê-lo para o formato WAV para poder visualizar o sinal sonoro no espectrograma no PRAAT. Assim, com os áudios de diferentes origens e diferentes condições de gravação, a comparação e análise das características acústicas em questão só podem ser de natureza qualitativa. Veremos que a diferença entre as vozes observadas

está no detalhe. Mais precisamente no detalhe fonético. Argumento que embora de oitiva tudo pareça fugidio e acabemos por não confiar na nossa percepção como deveríamos, o conhecimento de fonética acústica pode e deve ser empregado para a solução de casos como este do senador do Amapá. Defendo também que as fake news como essa terão vida curta, quanto mais especialistas da voz e da fala houver e quanto mais divulgarmos à sociedade o quanto suas suspeitas são válidas e que podem ser confirmadas pela análise acústica instrumental.

Palavras-chave: áudio fake, aspectos acústicos, voz, fala, fonética